



IDENTIDADE SERTANEJA: DIFICULDADES, EXPERIÊNCIAS E SUPERAÇÕES DE UMA NORDESTINA ARRETADA.

Maria Isabela Fortunato Silva(1); Mayara Adriana da Silva Maia (2); Mara Andreza Fernandes do Nascimento (3) Mary Carneiro Paiva de Oliveira (4)

(Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar, misabelaforte@hotmail.com , mayarasylva@hotmail.com , andreza-fernandes-@hotmail.com , marycpo4@yahoo.com.br)

Resumo: O presente trabalho partiu da disciplina Educação do Campo, ministrada pela professora Ma. Mary Carneiro, onde se baseia na construção de um memorial sobre a identidade camponesa. A escolha do sujeito para construção deste, partiu de um consenso das duas pesquisadoras, que resolveram entre si entrevistar a moradora da zona rural, a senhora Maria Dias de Queiroz (82 anos), na qual é avó de uma das integrantes. De início, foi elaborado um roteiro com alguns questionamentos orais, configurando-se numa entrevista semiestruturada, realizada na casa da entrevistada, no sítio Caroba, que fica localizado a 8 km do município de São Francisco do Oeste/RN. O trabalho nos trouxe a história de vida de uma camponesa, marcada por sua identidade com o lugar onde vive, com suas crenças e cultura, uma vida de luta e desbravamento no sertão nordestino, e ainda, seu processo de escolarização no campo, onde os saberes ultrapassam o espaço escolar.

Palavras-chaves: Identidade, Campo, História de Vida, Escolarização.

INTRODUÇÃO

Ultimamente vivemos em um mundo onde as coisas mudam rapidamente, tempo em que as relações se dissolvem rápido, numa sociedade líquida (BAUMAN, 2001), uma vez que estamos rodeados por pessoas que amamos, e que ao mesmo tempo não conhecemos e que por muitas vezes a culpa é de um desses fatores que citamos anteriormente, por isso se torna importante pensar, pesquisar e registrar sobre as histórias de vida, buscando entender como o sujeito contribuiu, e contribui para a vida em sociedade.

Desse modo, sabendo-se da importância do registro de memórias, e que faz-se necessário revisitar o passado para compreender o presente, é que surgiu a ideia deste trabalho, que tem como objetivo registrar as memórias de uma nordestina, para que não venha se perder no tempo, podendo também inspirar a outras pessoas, e que através das dificuldades e das lutas superadas por ela, possam



contribuir para a vida de outras também, por isso, sobre a importância da memória CERTEAU (1990) nos diz que “o mundo da memória intervém no momento oportuno e produz modificações no espaço, que nos brinda com RECORDAR é VIVER”. Assim, entendemos que é de suma importância revisitar o passado, remexendo em lembranças, que às vezes ficam até mais perto de outras tão atuais, fazendo com que possamos resgatar sensações, emoções e experiências, retomando o passado, e percebendo o presente em outra perspectiva

Este trabalho foi realizado a partir de estudos dentro e fora de sala de aula, baseados em alguns teóricos como Molina (2012), Caldart (2012), entre outros que fundamentam nossa pesquisa. Os tópicos se encontram divididos de acordo com a sequência da narrativa do nosso sujeito de pesquisa. Primeiro tópico *Trajetória da minha infância no campo* – que trata das vivências durante a infância; segundo tópico *Trajetória da minha família* – que discorre de um processo coletivo, onde as relações acontecem com mais sujeitos, aqui as histórias se cruzam e se entrelaçam, pois a individualidade agora não é solitária mais permeada por sujeitos e contextos diferentes; e o terceiro tópico *Minha religião, minhas contribuições* – evidencia a identidade do sujeito e das contribuições para a sociedade, demonstrando que o campo é feito por identidades que marcam a diversidade dos e nos lugares.

TRAJETÓRIA DA MINHA INFÂNCIA NO CAMPO

Eu era menina e já trabalhava no roçado com meu pai, roçava porque gostava de roçar, as coisas eram difíceis não era como é hoje, que tudo é fácil, eu tenho 8 irmãos contando comigo, sendo 6 homens e 2 mulheres, morávamos no sitio campos município de pereiro, de propriedade de uma viúva, meus pais plantavam pois era o único sustento da casa, a gente plantava algodão, milho, feijão, arroz, plantávamos, e colhia, mas tudo tinha que dá a parte da renda a dona da terra, nos anos ruins de seca a gente passava muita fome, pois era muita gente lá em casa.

A vida rural de fato nunca foi fácil, podemos perceber isso nos relatos de Dona Maria Dias de Queiroz (82 anos), o poder latifundiário sempre prevaleceu desde daquela época, principalmente desvalorizando o trabalho pesado daqueles mais pobres, que trabalhava de sol-a-sol para sustentar



suas famílias, e no fim da colheita vê metade de sua renda sendo entregue a mãos não calejadas, pois os latifundiários sempre viam o campo como um espaço de exploração e obtenção de lucros, sem falar que ainda eram castigados pela própria natureza, que em alguns anos não favorecia para uma boa colheita. Sobre os latifúndios Medeiros (2012, p. 445) destaca que:

Na história brasileira, a doação de sesmarias e a implantação de grandes unidades voltadas para a produção e a exportação (principalmente de cana-de-açúcar) foram acompanhadas pela tentativa de escravizar a população indígena. Como essas iniciativas se frustraram, buscou-se solucionar o problema da mão de obra com a vinda de escravos africanos. Assim, ficou como uma de suas marcas o trabalho forçado para o dono da terra. Contudo, também vinha para o Brasil, em busca de melhora de suas condições, uma população mais pobre, principalmente masculina, que chegando aqui se apossava, sem qualquer autorização real, de porções de terras e acabava se miscigenando à população indígena, passando a constituir um vasto contingente de mestiços ou caboclos. Esses posseiros, muitas vezes, eram expropriados pelas grandes unidades produtivas, em busca de terras para sua expansão. A população mais pobre podia também obter autorização para viver dentro das grandes unidades produtivas, como agregados ou moradores de favor. Com a independência do Brasil, foi extinto o regime de sesmarias, e durante alguns anos o país ficou sem lei que regulasse as concessões de terras.”

Percebe-se que a história de Dona Maria se insere na história desse Brasil desigual, que ainda se perpetua nos espaços rurícolas do nosso país, onde a classe trabalhadora do campo continua sendo explorada, e o campo visto como um atraso para a pós-modernidade, luta que deve ser considerada na escola do campo, objetivando formar a intelectualidade das trabalhadoras e trabalhadores do campo.

Na minha infância nós brincávamos muito, eu tinha várias bonecas de pano, que eu mandava fazer, tinha oito bonecas, duas eu troquei por goma lá na farinhada, a senhora de lá, me chamou para trocar e eu troquei. Nós tínhamos como se fosse uma bandinha, eu tocava no berimbau, vinha um monte de gente lá para frente lá de casa e ficávamos dançando.

Mesmo a seca castigando o seu povo, ainda se prevalecia a alegria de criança daquela época. Mas Dona Maria nunca deixou de se preocupar com os problemas de seus pais, chegando a ponto de trocar suas próprias bonecas para se ter comida em casa, especificidade da infância no campo.

A vivência das crianças que estão inseridas na zona rural se contrapõe aos costumes e brincadeiras das crianças que se fazem presente nas comunidades da zona urbana, pois as mesmas vivenciam costumes, cultura e até mesmo realidades opostas. As crianças sintonizadas no campo dispunham de um ambiente tranquilo, composto por lagos, plantas, animais e outros, onde elas fazem uso desse



espaço para se divertirem, pois as árvores que contempla aquele determinado espaço serve de brinquedo no momento em que as crianças sobem e pulam de galho em galho, dessa forma suas brincadeiras acabam se transformando em habilidades tremendas. Geralmente as crianças que moram no campo adoram tomar banho de açude, e esse tipo de exercício é satisfatório para as mesmas, elas adoram o contato com a terra, isso é uma característica específica da cultura vivenciada no seu cotidiano, por tanto, diante dos seus costumes, as crianças camponesas são vistas como pessoa mais livres, devido a esse contato constante com a natureza. Já as crianças que moram nas cidades acabam sendo nomeadas como presas, devido à realidade que se perpassa na zona urbana ser contraditória ao que se vivencia no campo, tendo em vista que a metalúrgica juntamente com o mundo globalizado padroniza os brinquedos e até mesmo a vida dos sujeitos, pois as pessoas das cidades estão submetidas à utilização da tecnologia, visto que os pais muitas vezes deixam de oferecer aos seus filhos um momento de diversão devido à necessidade de trabalhar, e ocupa a mente da criança com a utilização de jogos na internet, filmes infantis, entre outros entretenimentos que desvinculam o contato da criança com as demais. Diante dessa comparação é possível perceber que costumes e culturas diferentes estão presentes na vida das pessoas da sociedade brasileira.

Comecei a estudar com 12 anos, e fiz até o quarto ano, estudava com a moça velha nossa patroa a viúva, era nossa professora, papai pagava para ela me ensinar, ensinava em sua própria casa, mim ensinou até a quarta série, ela ensinava bem, e era perto de onde a gente morava, estudava de meio dia, por que de manhã e a tarde ajudava meus pais, ela ensinava a um bocado de menino, não era só a mim não, a outras crianças também, mas meus irmãos não quiseram estudar. Sobre a escola do campo Molina (2012, p.326) nos diz que:

A concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da Educação do Campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação. Trata-se, portanto, de uma concepção que emerge das contradições da luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do e no campo.”

A concepção de escola do campo defendida por Molina (2012) difere da escola frequentada por Dona Maria, onde os estudos naquela época nas comunidades eram de difícil acesso, e Dona Maria (82 anos) trabalhava de manhã e a tarde com seu pai para pagar os estudos, só tinha meio dia para ir estudar com a proprietária da terra que era a professora.



Era como se fosse escola de primeiras letras assim como ressalta SAVIANE (2005) que escolas de primeiras letras, geralmente eram mulheres com graus de estudo mais elevado que ensinavam crianças de diferentes faixas etárias em suas próprias casas.

Uma vez fomos para uma festa em Pereiro ai tinha uma moça lá de Jaguaribe e ela pintou minhas unhas, quando cheguei em casa meu pai disse homem tire isso das unhas, pois ele não deixava pintar as unhas, cortar cabelo, usar roupa sem manga, pois era muito rígido. Ele sempre gostava que a gente fosse para a igreja, a gente sempre ia todo mundo junto. Uma das musicas que marcou minha infância foi Juazeiro de Luiz Gonzaga.

Mesmo com tantas dificuldades a cultura prevalecia, e a comunidade sempre participava das festividades que eram tradições da época. Os pais de antigamente eram bastante rígidos, e o de Dona Maria (82anos), não era diferente, pois eram pessoas muito simples e com valores específicos.

Após, tecer algumas memórias sobre a infância no campo, passamos ao tópico seguinte que traz as lembranças coletivas, as lembranças de família, de uma família do campo.

TRAJETÓRIA DA MINHA FAMÍLIA.

Casei com 20 anos, meu marido era da comunidade do Encanto-RN, e lá pela comunidade de Areias, começamos a nos conhecer, e namorar, casamos no dia 23 de agosto de 1954, onde vim morar aqui no Sítio Caroba, que foi herdado do pai meu esposo, a gente morava em uma casinha de taipa, moramos 39 anos nela, quando era a noite e chovia, a gente nem dormia só “tapando goteira”, e no ano de 1992 construímos uma casa melhor, com a ajuda de nossos filhos, o prefeito da época nos ajudou dando um dia de mestre de obras e tijolos, a nossa casa ainda continua do mesmo jeito, somente com alguns retoques. Meu esposo trabalhava na agricultura no sítio Boa Esperança, á 3 km da cidade de São Francisco do Oeste, lá ele plantava e o que colhia dava a parte da renda para o proprietário, era de meia, ou seja, de tudo o que era colhido, a metade era entregue ao fazendeiro. Eu ficava em casa cuidando da casa, e as vezes o ajudava, ainda hoje, tenho um filho que trabalha lá, tive 14 filhos, morreram 3, depois criei mais 3, uma menina que uma mulher me deu com 16 dias de nascido, pois a mãe não tinha condição de cria-la, e o pai não ajudava. Tenho dois netos. Tive



uma grande dificuldade para criar os meus filhos, mais tinha paciência, e nunca reclamei, porque era pobre, não passamos fome, pois no tempo da rodagem (que era um alistamento do governo, ou seja um meio de renda para famílias carentes que não tinha o que comer em épocas sem chuvas.) ele trabalhava lá no Cocó da Nega (Situado no caminho para São Miguel/RN) e vinha uma vez por semana para ficar com a família.

A gente criava os animais com muitas dificuldades, quase que ninguém criava o gado, a gente tinha uma vaca para o leite, mas quando teve a seca em 1958, meu marido a vendeu, no entanto, hoje apesar da seca ainda criamos 5 cabeças de gado.

Os meus filhos estudaram pouco, pois não quiseram e o pai os levava para trabalhar no roçado. A escola era em uma casa improvisada do meu cunhado, passou 10 anos sendo lá, e as professoras eram filhas de um amigo da família que por ali moravam, funcionava até a 4ª série, mas a maioria só estudou até a 3ª série, ficando perceptível a desvalorização da educação no campo, perpetuando a precariedade das escolas, obrigando as crianças e jovens a pararem de estudar ou ter que saírem do lugar onde vivem para poder continuar sua escolarização.

Depois meus filhos se casaram, outros foram embora, outros ainda moram aqui perto de mim, e os demais sempre vem me visitar. Só teve uma filha que quis continuar a estudar, estudando até a 4ª série, que já não funcionava mais na casa, foi em um grupo escolar no sítio vizinho Boa Esperança, pois construíram o grupo, e as escolas não poderiam mais funcionar em casas. Após ela concluir a 4ª série, teve que ir morar na cidade de Pau dos Ferros-RN, trabalhando nas casas para poder ter o prato de comer, e naquela época não tinha transportes escolar público como hoje em dia, o pai ia busca-la no fim de semana de carroça, hoje ela é formada em Pedagogia e é professora na cidade.

Podemos notar que a educação na escola do campo daquela época não é muito diferente da de hoje, pois, segundo OLIVEIRA (2011, p.08), “[...] uma vez que a educação é concebida como pacote urbano, tudo oriundo da cidade, menosprezando os saberes dos povos da terra, fragmentando o ensino e dicotomizando o campo e a cidade, numa ‘ação antidialógica’”.

Tenho outra filha que também é professora, fez magistério e é professora daqui da escola do sítio, foi contratada pelo prefeito da época e hoje é efetiva. Dos outros filhos que criei, somente uma terminou o segundo grau lá em São Francisco do Oeste-RN. A educação de hoje é muito boa, antes



para ir à escola a gente ia a pé, não tinha carro para levar os alunos, e hoje já tem, tem também merenda, cadeiras, sala, melhorou bastante.

Com o tempo a senhora Maria não pôde mais manter todos os seus filhos por perto, pois a falta de oportunidades no campo obriga a trabalhadora e o trabalhador do campo deixar seu lugar em busca de melhor condição de vida.

Pelos relatos é perceptível o orgulho que essa camponesa tem em ser do campo, e que apesar de toda dificuldade, criou seus com muito amor, honestidade e muita simplicidade, levando para a vida deles os conselhos e ensinamentos, que compõem a identidade camponesa.

Assim, passamos ao tópico seguinte, que traz um pouco do modo de vida no campo de algumas pessoas, que tem nas suas crenças um modo ser e conceber a sociedade e o outro, constituindo sua identidade camponesa diferente de outras em outros lugares do campo do nosso país, uma vez que sabemos que o campo é diverso com características próprias em cada região ou território do nosso país.

MINHA RELIGIÃO E MINHAS CONTRIBUIÇÕES.

Eu sou católica e muito devota acredito muito em Deus, antes a gente ia para outras casas rezar as novenas, não se tinha igrejas, hoje eu que faço as novenas na minha casa e a comunidade vem rezar, naquela época e agora sempre pedimos chuva a São José, dedicando o mês de Março a ele, minha filha ano passado roubou meu São José, pois quando rouba só devolve quando a chuva vem, Graças a Deus, teve essas chuvas, a gente precisa pedir a Deus por que é ele é quem tem para dar, por que ele da saúde, dá tudo, já agora no mês de maio é dedicado a Maria, tem também o mês da campanha da fraternidade que vamos rezar nas casas.

Desde de 1976 que eu rezo, pois uma senhorinha que morava próximo rezava ai a gente ia pra casa dela, ela sempre rezava o terço, e quando ela morreu eu comprei o livrinho e fiquei rezando, minha filha ano passado roubou meu São José, pois quando rouba só devolve quando a chuva vem, Graças a Deus, teve essas chuvas, a gente precisa pedir a Deus porque é ele quem tem para dar, pois ele dá



saúde, dá tudo. Antigamente uma cunhada de minha mãe fazia as festas da comunidade, a gente cantava vários benditos.

Quando era mais nova era professora de catequese, ensinava a vários meninos até hoje eles falam, ensinava lá no sítio boa esperança, Barro Vermelho, funcionava todos os domingos o pessoal sempre perguntava quanto você ganha para ensinar essas crianças, e eu respondia nada, eu ensino por que gosto mesmo. Nem todo mundo tem a fé que eu tenho, pois tem muita gente que mora aqui e não vem nem pra novena, e antigamente o pessoal participava mais, nessa vizinhança todinha só tem eu que rezo, tinha uma velhinha ali no Barro Vermelho que rezava as novenas do mês de maio, mas ela faleceu, e ficou a filha dela morando lá, mas não continuou, eu sempre digo as minhas filhas quando eu morrer, não deixe de rezar as novenas.

Ela é muito devota, em sua casa existe um altar com imagens de santos, todas as noites as pessoas da comunidade vizinha vêm para a sua casa rezar a novena essa tradição vem acontecendo desde 1976 que dura até os dias atuais. Ela pode passar por muitas dificuldades, mas não perde nunca sua fé, pois é o que dá forças para enfrentar os obstáculos dessa vida tão difícil. Para ela não importa as dificuldades que temos, pois quando se tem Deus e fé no coração tudo se resolve, mas devemos fazer nossa parte sempre contribui com o que pode para as novenas e a fé não morrerem, pois essa tradição tão abençoada deve ser passada de geração em geração para que não seja esquecida.

Ela também passava seus ensinamentos para as crianças através da catequese, não só da sua comunidade, mas das comunidades vizinhas também, sempre transmitindo o pouco que sabe para assim não deixar acabar essa tradição de fé tão bonita de se vê e se sentir

Hoje cedo um quartinho da minha casa para funcionar uma minibiblioteca que veio através da associação que temos aqui no sítio, através dela já conseguimos vários benefícios, minha filha é a presidente, ela está sempre em busca de melhorias para o nosso sítio.

Eu já ensinei no MOBREAL, passei seis dias em Natal em um estudo, era bom todo, nesse tempo a coordenadora era Lurdinha Guerra, passei pouco tempo ensinando, depois foi minha filha mais velha, funcionava em uma escola no sítio Tigre.

Ela sempre tenta ajudar o próximo com o que pode e através da Associação dos Produtores Rurais do Sítio Caroba vários benefícios surgiram para a sua comunidade como cisternas, poço, vacas, e



agora uma minibiblioteca que funciona em um quartinho na casa da própria para que todos da comunidade se interesse pelo hábito da leitura, ela também ensinou o MOBREAL, era professora leiga e ensinava porque gostava, logo depois passou para sua filha que também era leiga. Arroyo (2005, p.366) nos trás alguns conceitos sobre as lutas dos camponeses na formação de professores do campo, onde

Os movimentos sociais constroem leituras de mundo, de sociedade, de ser humano, de campo, de direitos e de formação mais totalizantes, menos segmentadas por recortes. As matrizes em que eles se formam carregam esses processos totalizantes: o trabalho, a terra, a cultura, as experiências de opressão-libertação (ver Pedagogia do Oprimido). A concepção de educação-formação que os movimentos sociais vão construindo ao fundamentar-se nesses princípios-matrizes priorizam o direito à formação plena humana, politécnica, do trabalhador (ver Tempos Humanos de Formação). Neste contexto, encontra seu sentido mais radical na defesa de formação já não segmentada por áreas e articulando tempos presenciais e tempo de comunidade ou de inserção nos processos formativos do trabalho, da produção camponesa, da agricultura familiar (escolas família-pedagogia da alternância), da inserção nas lutas dos movimentos pela terra, pelos territórios, pela libertação. Incorporar essa história como objeto de conhecimento e de pesquisa dá outra densidade teórica aos currículos de formação. Há ainda uma motivação para resistir à fragmentação em que se estruturam os currículos de educação básica e de formação, quando pensamos a educação do campo e a formação de seus profissionais: o campo não se desenvolve na lógica fragmentada com que a racionalidade técnica recorta as cidades, na qual cada instituição e campo profissional é capacitado para dar conta de um recorte do social. No campo, nas formas produtivas em que os diversos povos se organizam, tudo é extremamente articulado. Os movimentos sociais agem e se estruturam nessa dinâmica produtiva, social, cultural.

Portanto, é possível conceber que cada etapa da história de vida de uma pessoa é permeada de relações, seja ela conflituosa ou harmoniosa, e os sujeitos constroem sua identidade a partir delas e dos contextos aos quais estão inseridos. E assim, também foi a identidade de Dona Maria – uma nordestina arretada desse sertão chamado território do semiárido, aqui as pessoas se constroem e reconstroem no movimento da vida camponesa.

Considerações Finais

Este trabalho teve uma grande contribuição para nossa vida acadêmica, onde nos proporcionou a ampliação dos conhecimentos, nos possibilitando em produzir um texto científico. Relacionando os saberes e a história de vida narrada com a Educação Rural e a Educação do Campo.



A contribuição ultrapassou o âmbito da formação acadêmica, passando para o âmbito da nossa formação humana e pessoal, pois tivemos a possibilidade de visitar locais, reviver histórias de outras pessoas experientes, adquirir experiências, conhecer culturas e costumes de épocas passadas, compreendendo um pouco do universo da vida camponesa, vendo o campo como um espaço de possibilidades e não de exploração. E que ainda, a luta pelos direitos no campo continua, e que a escola do campo precisa ser parte dessa, formando a classe trabalhadora no seu intelecto coletivo de direitos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel P. **Formação de Educadores do Campo**, Dicionário de Educação do Campo, 2005, Rio de Janeiro.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. BESSI, Vânia Gisele. GRISCI, Carmem Ligia.

CERTEAU, Michael de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Latifúndio. In: CALDART, R. S. PEREIRA, I. B. ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MOLINA, Mônica Castagna. SÁ, Laís Mourão. Escola do Campo. In: CALDART, R. S. PEREIRA, I. B. ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

OLIVEIRA, Mary Carneiro P. Educação do Campo: Concepções, contribuições e contradições. **Revista Espaço Acadêmico**. Nº 140 ed. 2013.

SAVIANI, Dermeval. *As concepções Pedagógicas na História da Educação Brasileira*. Campinas, 2005.